

RESENHAS

Princípios
Revista de filosofia

E-ISSN: 1983-2109



VAIHINGER, Hans. *A filosofia do como se*. Tradução e apresentação de Johannes Kretschmer. Chapecó: Argos, 2011; 723 pp.

Eduardo Pellejero (UFRN)

O questionamento da verdade como valor conhece um lugar importante no pensamento contemporâneo. Prolongamento inevitável do projeto crítico da modernidade, devemos a Nietzsche o haver assentado as bases dessa problematização, que remete a verdade à vida, invertendo a escala de valores e desfazendo a subordinação acostumada da vontade e do pensamento ao verdadeiro. Independentemente das problematizações, reavaliações e desconstruções da própria ideia de verdade às quais dá lugar, essa crítica abre o caminho para um novo paradigma de pensamento conceptual, que alenta, não a procura da verdade, mas a produção de ficções (regulativas, heurísticas, críticas, vinculadoras, etc.).

O direito de cidadania da ficção na república filosófica, em todo o caso, é instaurado de forma conclusiva pela filosofia de Hans Vaihinger, para quem, longe de se opor à realidade, a ficção interfere com a realidade, em ordem a servir um propósito que, por sua vez, não é parte da realidade. Isto é, as ficções de um ponto de vista teórico, podem ser consideradas como falsas, mas são justificadas e podem ser consideradas 'praticamente verdadeiras' porque realizam determinados serviços para nós. Noutras palavras, as ideias são em si mesmas ficções, mas em ordem a estabelecer condições apropriadas para a *praxis*, convertem-se numa postura transcendental para mapear formas possíveis de ação.

A Filosofia do como se postula assim a origem das ideias nas necessidades éticas e intelectuais, como ficções úteis e valiosas para

a humanidade e, nesse sentido, propõe uma fenomenologia da consciência idealizante ou ficcionalizante. Segundo Vaihinger, uma lógica de deslocamentos eidéticos dá conta do funcionamento da razão, onde a ficção joga as vezes de elemento desestabilizador dos dogmas, assim como de espaço de variação das hipóteses, permitindo uma partilha graduada da estrutura da ideia para além qualquer ossificação possível. Um número de ideias passa através de vários níveis de desenvolvimento, especialmente os de ficção, hipótese e dogma; e inversamente dogma, hipótese e ficção; nesse sentido, a ficção é o estado máximo de tensão da psiquê, que tende a esclerosar-se no dogma, que perante o inapreensível desce ao terreno das hipóteses, para finalmente alcançar o nível da ficção, onde o movimento é relançado com toda a força que é necessária para que pensar volte a produzir-se no pensamento (pp. 286-300).

A cem anos da primeira edição da obra prima de Hans Vaihinger – *Die philosophie des als ob* –, a editora da Unachapecó – Argos – coloca à disposição do mundo acadêmico da língua portuguesa a tradução do alemão realizada por Johannes Krestschmer como parte da sua tese de doutorado em Literatura Comparada na Universidade do Estado de Rio de Janeiro sob o orientação de Luiz Costa Lima, defendida em 2002.

O hercúleo trabalho de Krestschmer (a tradução conta com quase 700 páginas) baseia-se no texto que dera lugar à versão inglesa de C. K. Ogden, que o próprio Vaihinger estabelecer parcialmente, e inclui como anexos um texto autobiográfico escrito por Vaihinger em 1921 para difundir a sua obra – «Como nasceu *A filosofia do como se*» – e uma carta de Albert Einstein endereçada a Vaihinger em 1919.

O volume conta ainda com um extenso estudo introdutório da autoria de Krestschmer, que se concentra na contextualização da vida e a obra de Vaihinger, assim como na apreciação da recepção de *A filosofia do como se* pela filosofia da época. Verdadeiro *best seller* filosófico, a obra de Vaihinger acabaria por arruinar o seu prestígio académico ao mesmo tempo que propiciaria a sua popularidade. Krestschmer observa que o *como se* foi “considerado impróprio, se não amoral, nos meios universitários por defender o relativismo” (p. 33), e lembra que Arthur Fine comparara a figura

de Vaihinger à de Thomas Kuhn, em virtude da hostilidade suscitada nos cientistas da época.

A obra de Vaihinger conheceu ecos improváveis na literatura e na filosofia do século XX. Borges e Huxley, Husserl e Adler, entre outros, foram leitores da sua obra. O próprio Freud, inclusive criticando *A filosofia do como se*, reclama-se de um certo pragmatismo vaihingeriano, colocando em questão, como assinala Michel De Certeau, a distribuição estabelecida do espaço epistemológico, essa configuração que rege, há três séculos, as relações da ciência com a ficção. Boireau – aponta Krestchmer (p. 42) – apontou semelhanças surpreendentes entre o pragmatismo vaihingeriano e a filosofia de Henri Poincaré.

Na falta de uma tradução, no mundo acadêmico acadêmico de língua portuguesa, as aproximações à sua obra eram contadas. Fora dos ecos despertados pelo trabalho realizado pelo grupo de pesquisa dirigido por Luiz Costa Lima em torno do conceito de ficção, nomeadamente a partir da obra de Wolfgang Iser, no qual se inscreve a presente tradução, apenas podíamos contar com a aproximação que Leonel Ribeiro dos Santos, da Universidade de Lisboa, propusera em 2006 («Hans Vaihinger: o Kantianismo como um ficcionalismo?», in: Santos (Ed.), *Kant: Posteridade e Actualidade*», Lisboa, CFUL, 2006). Mais recentemente, em 2011, Francisco de Assis e Silva defendeu no Brasil uma dissertação de mestrado orientada por Franklin Leopoldo e Silva, sobre o conceito de ficção jurídica na obra Vaihinger. É quase tudo com o que podemos contar. A tradução de Krestchmer senta as condições objetivas para novas leituras e novos estudos. O resto depende do nosso interesse.

Nietzsche dizia que a vontade de aparência, de ilusão, de engano, de devir e de mudança é mais profunda, mais 'metafísica' que a vontade de verdade, de realidade, de ser, e que esta última era em si mesma apenas uma forma da vontade de ilusão. Em 1911 Hans Vaihinger extraía desse axioma o seguinte corolário: “a aparência não deve ser mais lamentada e combatida, como o estão fazendo os filósofos até hoje, mas a aparência, à medida que prova ser útil e valiosa, e ainda impecável esteticamente, deve ser

afirmada, desejada e justificada” (p. 667).

Na esteira de Nietzsche, o pensamento contemporâneo afirmou muitas vezes que a natureza errônea de um conceito não constitui uma objecção para a filosofia, e que categorias como 'interessante' e 'produtivo' são mais importantes para o pensamento que noções como as de verdadeiro e falso (a questão da filosofia sendo em que medida é vantajosa para a vida).

Porém, admitir a ficção como uma condição necessária para a vida implica uma violenta inversão das formas tradicionais de relacionar-nos com a realidade. A disponibilidade em português duma das obras fundacionais desse pragmatismo alargado pode contribuir – esperamos – para a melhor intelecção do alcance e dos limites desse perspectivismo que Vaihinger considerava necessário para nós.